



## GENEALOGIA DE UM DESENHO EM MOVIMENTO

Maria Luiza Fatorelli. UERJ

**RESUMO:** A comunicação examina aspectos do desenho no âmbito de obras artísticas da autora. São apresentadas quatro instalações que aludem ao espaço e a arquitetura estabelecendo conexões entre desenho, memória, gesto e lugar.

**Palavras-chave:** arte contemporânea, arte e arquitetura, desenho.

**ABSTRACT:** *The paper exams aspects of drawing, considering art works of the author as a reference. Four installations related to space and architecture are examined as a reference establishing connections between drawing, memory, gesture and place.*

**Key words:** *contemporary art, art and architecture, drawing.*

Esta comunicação aborda o desenho como dispositivo que ativa suportes, escalas e gestos na configuração de obras artísticas vinculadas à questão do espaço e da arquitetura.

No meu trabalho mais recente “Experimento: desenho”<sup>1</sup>, princípios da física são articulados a proposições poéticas para provocar reflexões e paisagens originárias do gesto, do movimento e do desenho. Trata-se de um *gesto/desenho planetário* delicadamente registrado na superfície da arquitetura a partir da construção de um pêndulo, referenciado no *Pêndulo de Foucault*<sup>2</sup>.

O movimento do pêndulo sofre variações associadas à rotação da Terra que, segundo as observações do físico Léon Foucault, podem ser relacionadas à latitude do lugar onde está instalado. Oscilando sobre um círculo de lápis, colocados verticalmente no piso, a variação do movimento pendular cria intervalos no círculo inicial e pode ser pensada como desenho. (Fig. 1)

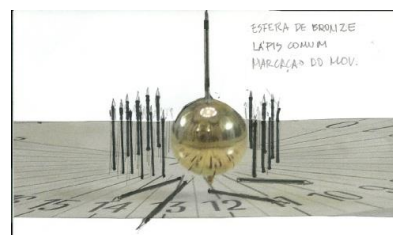


Fig.1 Experimento: desenho

No trabalho *Desenho no Campus*<sup>3</sup>, que antecede a proposição do pêndulo, uma linha de cento e vinte metros de comprimento “desenha” tridimensionalmente o espaço do edifício da UERJ atravessando a altura dos 11 andares, buscando tornar visível uma relação simbólica entre o IART, diferentes Institutos e o Departamento Cultural. (Fig. 2)

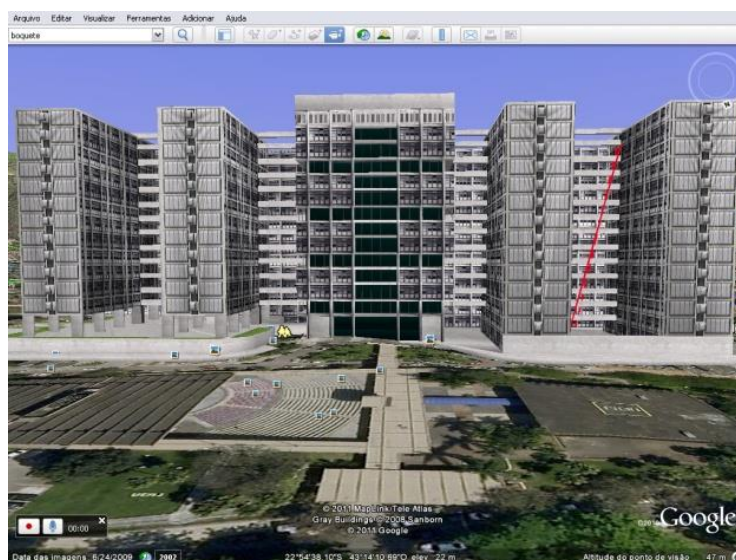


Fig. 2 Desenho no Campus

Após a instalação do trabalho, fizemos uma série de fotografias durante o dia registrando a linha do “desenho” em contraposição às sombras projetadas pelo Sol na fachada do edifício. Com o passar das horas, um novo desenho aparece no plano da fachada como uma sucessão de diagonais que, em movimento pendular, tingem a arquitetura de sombras em tonalidades de cinza.

A produção de um *flip book*<sup>4</sup> com a sequência de imagens da variação da sombra projetada no edifício busca trazer para uma escala ao alcance das mãos o gesto que determina o movimento acelerado das páginas e faz a sucessão de imagens iludir os olhos ao mimetizar o movimento.

Na exposição realizada na Galeria do IBEU<sup>5</sup>, o desenho como desejo de habitação e ocupação de um lugar aparece simbolicamente na colocação dos lápis sobre o cruzamento de linhas horizontais e verticais marcadas no piso como projeção da grade de iluminação do teto. Espelhado pelo plano de vidro da fachada, o desenho é projetado para o exterior da galeria até a rua, as árvores, as vitrines, e alcança o movimento dos veículos e das pessoas que passam pela calçada. (Fig. 3)

Os lápis são virtualmente suspensos sobre a cidade estendendo o plano de linhas ortogonais sobre o movimento urbano. Um texto de Italo Calvino<sup>6</sup> escrito como um rodapé de palavras no plano de vidro questiona o limite do dentro e do fora. Um desenho real e virtual é modulado em campo ampliado entre o espaço da galeria e da cidade.



Fig.3 Galeria do IBEU

Utilizei em alguns trabalhos a *frotagem*<sup>7</sup> como estratégia de captura de diferentes superfícies arquitetônicas. Finos papéis de arroz mediaram o gesto do desenho sobreposto ao relevo e as texturas de diferentes lugares escolhidos cuidadosamente para formar uma espécie de inventário de espaços transcritos pelo gesto, movimento do grafite sobre o papel e sobre o relevo.

Nos trabalhos iniciais com esta técnica, priorizei elementos decorativos que marcavam épocas inscritas na arquitetura de edifícios, como uma espécie de arqueologia da superfície de edificações históricas do Rio de Janeiro. São exemplos os ramos de café da República Velha e as pedras de Lioz, ambos no Paço Imperial. Posteriormente, as superfícies arquitetônicas foram escolhidas em função de outras questões e, algumas vezes, as frotagens realizadas não mais com o gesto repetitivo do grafite, mas com o gesto da escrita de um texto articulado à proposição do trabalho. A captura dos relevos das superfícies é incorporada à letra manuscrita o que determina, sobre o papel, um duplo registro de texto e textura como na exposição realizada no MAM<sup>8</sup> do Rio de Janeiro, em 2001 (Fig. 4).

No catálogo da exposição de Cildo Meireles *algum desenho* no CCBB, em 2005, Frederico de Moraes escreve que o desenho é qualquer coisa feita com não importa que materiais, técnicas, instrumentos e suportes e cita a definição de Carmela Gross “é qualquer coisa entre o incerto e o resistente”<sup>9</sup>.

Na entrevista concedida a Frederico de Moraes, também no mesmo catálogo, Cildo Meireles declara que para ele o desenho nunca foi um conflito e pode ser uma anotação, um projeto ou desenho em cuja feitura a mente segue a vontade da mão.

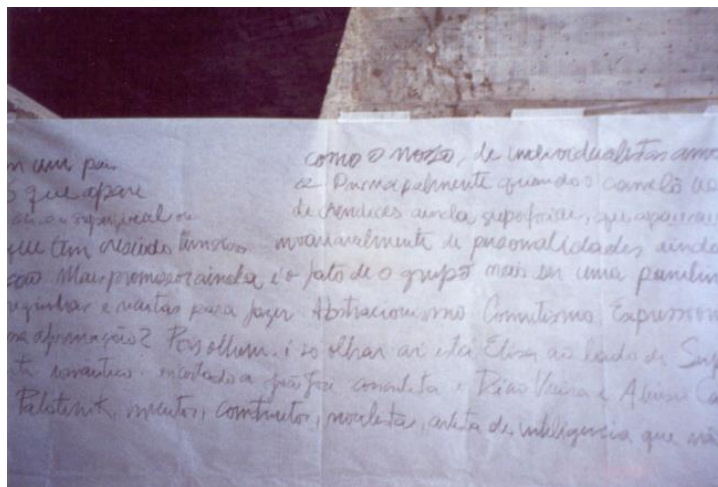


Fig. 4 Coluna do MAM

Em diferentes momentos históricos artistas falam de sua relação com o desenho de forma a evidenciar especificidades que apresentam modulações entre projeto, obra, estudo, ideia, croquis e pensamento presentes em belos relatos de processos artísticos. Giacometti, por exemplo, declarou que “a grande aventura é ver surgir qualquer coisa desconhecida no mesmo rosto a cada dia. Isso é maior que todas as viagens em torno do mundo”<sup>10</sup>.

Nas obras acima, apontadas no contexto de meu trabalho artístico, o desenho é utilizado como estratégia de aproximação com diversos espaços. São instalações/desenhos que falam de um desejo de acolhimento, fixação e lembrança. Estes desenhos escapam a representação. Buscam ativar a consciência da história, dos lugares e dos gestos.

No primeiro trabalho apresentado, o pêndulo traz para superfície arquitetônica uma reverberação do gesto planetário, recolhido também na sombra do edifício e transportada para a escala da mão no *flip book*. Na Galeria do IBEU, o desenho

objeto/lápis vibra na paisagem estabelecendo continuidade dos espaços interno e externo da galeria. Na frotagem/manuscrito, na coluna do MAM, a intimidade do gesto redescobre pequenos limites de proximidades entre arte, história e arquitetura.

A sequência de obras selecionadas para esta comunicação procurou estabelecer uma genealogia particular do desenho. As obras foram escolhidas entre muitas outras que foram produzidas em um período de doze anos de trabalho. O desenho pontua este caminho e acolhe proximidades e distâncias.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Trabalho *Experimento:desenho,2013* - em fase de elaboração.

<sup>2</sup> *Le Pendule de Foucault au Panthéon*. Editions du Patrimoine.

<sup>3</sup> *Desenho no Campus*, 2011. Trabalho realizado no Campus da UERJ na exposição CAMPUS(DES)SITUADO.

<sup>4</sup> Flip book. Pequeno livreto que reúne imagens em sequência que ao serem vistas rapidamente dão a ideia de movimento.

<sup>5</sup> *Instalação/Desenho*, 2007 - Galeria do IBEU, RJ.

<sup>6</sup> “Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora [...]”. CALVINO, *As Cidades Invisíveis*, 1990, P. 35.

<sup>7</sup> Frotagem – procedimento associado à gravura que traz um relevo para o plano do papel.

<sup>8</sup> Exposição realizada a partir de uma série de frotagens nas colunas do MAM em 2001.

<sup>9</sup> Texto de Frederico de Moraes curador da exposição *Cildo Meireles algum desenho [1963-2005]*.

<sup>10</sup> *Giacometti - La Passion du Lithographe*. Tradução da autora.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

DELIGEORGES, Stéphane. **Le Pendule de Foucault au Panthéon**. Paris: Éditions du Patrimoine, 2009.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIACOMETTI, Alberto. **La Passion du Lithographe**. Collection Voyages. Paris: Maeght, 1990.

MORAES, Frederico. Catálogo da exposição **Cildo Meireles algum desenho [1963 – 2005]**. CCBB, 2005.

### Malu Fatorelli

Doutora em Artes Visuais (EBA-UFRJ). É professora adjunta do IART-UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi Artista Visitante na Escola Internacional de Gráfica de Veneza, Itália; na Ruskin School of Drawing and Fine Arts da Universidade de Oxford, Inglaterra e no Headlands Center for the Arts, São Francisco, CA - EUA. Apresentou sua obra em museus e galerias no Brasil, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Cuba e China.